



**A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA AFROCENTRADA:
EXPERIÊNCIAS DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA**

*THE AFROCENTRIC ACADEMIC LIBRARY:
EXPERIENCES OF THE LIBRARY OF THE FACULDADE DE ARQUITETURA OF UFBA, BRAZIL*

Eva Dayane Jesus dos Santos

Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA (PPGCI/UFBA). Especialista em Gestão Governamental pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bibliotecária-Documentalista da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2011-2961>. *E-mail:* evabibliotecaria@gmail.com

Ramon Davi Santana

Mestrando em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFBA. Especialista em MBA em Gestão Pública pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Uniasselvi). Bibliotecário-Documentalista da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4185-8228>. *E-mail:* ramonds@ufba.br

Jeã Carlo Mendes Madureira

Especialista em Gestão de Bibliotecas Escolares pela AVM Faculdade Integrada. Bibliotecário-Documentalista da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1382-1150>. *E-mail:* jea.carlo@ufba.br

Yuri Pinheiro dos Santos

Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação pelo Instituto de Ciência da Informação (ICI/UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8141-3277>. *E-mail:* yuriiipiinheiro@gmail.com

RESUMO

Este trabalho decorre de um relato de experiências da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, abordando em específico suas atividades afrocentradas desenvolvidas de 2018 até a atualidade. Apresenta, também, as reflexões sobre a importância da tomada de consciência por parte dos profissionais de biblioteca sobre o racismo, entendendo que essa ideia perpassa por um projeto político e ideológico que coloca em operação a colonialidade do poder, do saber e do ser, presentes em toda a estrutura social brasileira. Como metodologia, abarca a pesquisa-ação, bibliográfica e documental. Algumas das atividades desenvolvidas pela equipe da Biblioteca são trazidas como resultados preliminares em vista da ação afrocentrada da Biblioteca perante suas práticas e, sobretudo, diante de suas ações de disseminação da informação. Conclui que a realização de atividades afrocentradas em espaços de bibliotecas contribuem para a visibilidade positivada da diversidade cultural, e particularmente negra, indígena e LGBTQIA+. Entende-se, por fim, que construir possibilidades de conhecimentos que viabilize o acesso à informação aos mais diferentes grupos étnicos é um exercício de resistência contra um discurso único, imposto pelo pensamento e projeto ideológico anglo-eurocêntrico que desumaniza os “outros” corpos e não considera as vivências e saberes de grupos socialmente vulneráveis e invisibilizados.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Bibliotecas universitárias; Colonialidade do poder; Disseminação da informação; Informação étnico-racial.

ABSTRACT

This work appears from an experience report from the Library of the Faculdade de Arquitetura of the Federal University of Bahia, specifically addressing its afro-centered activities developed from 2018 to the present day. It also presents as reflections on the importance of awareness on the part of library professionals about racism, understanding that this idea permeates a political and ideological project that puts into operation the coloniality of power, saber and being, present throughout a Brazilian social structure. As a methodology, it encompasses action, bibliographical and documentary research. Some of the activities developed by the Library team are presented as preliminary results in view of the Library's afro-centered action in relation to its practices and, above all, in view of its information dissemination actions. It concludes that carrying out Afro-centered activities in library spaces contributes to the positive visibility of cultural diversity, particularly black, indigenous and LGBTQIA+. Finally, it is understood that building possibilities of knowledge that enable access to information to the most different ethnic groups is an exercise in resistance against a single discourse, imposed by anglo-eurocentric thought and ideological project that dehumanizes "other" bodies and not considers experiences and knowledge of socially vulnerable groups as invisible.

Keywords: Academic libraries; Afrocentric; Coloniality of power; Dissemination of information; Ethnic-racial information.

1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência trata das atividades recentes (2018-2021) relacionadas à atuação profissional das bibliotecárias e dos bibliotecários da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (BIB/FAUFBA). O gatilho para o início das atividades afrocentradas ocorreu por meio de experiências pessoais e profissionais, observações e inquietações de uma das bibliotecárias negras da equipe, que iniciou pequenos projetos amplamente aceitos pelo setor. Desse modo, as muitas histórias advindas das conversas formais e informais com discentes, docentes e técnicos, corroboraram para os esboços dos primeiros projetos.

Este trabalho está dividido em seis seções. A primeira é a introdução. A segunda é uma breve discussão acerca da colonialidade do poder e dos discursos pós-coloniais ou decolonial. Na terceira seção, tentamos expor nossa breve visão sobre a busca pelo conceito da expressão "biblioteca afrocentrada". A quarta seção é a metodologia adotada. A quinta seção são os resultados de nossas práticas na BIB/FAUFBA e, finalmente, a sexta parte são nossas considerações.

2 A COLONIALIDADE DO PODER E DO CONHECIMENTO: BREVES ESCRITOS

A tomada de consciência se faz a todo momento, e no Brasil é necessária a reflexão contínua sobre a colonialidade do poder que reproduz até a atualidade o racismo que segrega, desumaniza e mata diariamente. Conforme explica Quijano (2005), o conhecimento nas Américas foi estabelecido em bases colonizadoras, sendo reproduzido sob esse escopo de poder até os dias atuais. É, não obstante, fruto do poder hegemônico mundial em curso, a "globalização perversa", bem como proferida por Santos (2015).

Para Quijano (2005), um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que, desde então, permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo.

Ainda, segundo Ballestrin (2013), a colonialidade se desenvolve em uma tripla dimensão: a do poder, a do saber e a do ser. Ela opera através do poder eurocêntrico hegemônico, do saber controlado e da subjugação do ser. A colonialidade do poder, portanto, está presente na vida cotidiana da América Latina, pois ela é exercida por meio do controle, lançando-se sobre a economia, a autoridade, a natureza dos recursos naturais, o gênero e a sexualidade dos sujeitos, a subjetividade e o conhecimento.

Conforme explica Kilomba (2019), a colonialidade opera elegendo aqueles que podem falar e aqueles que não podem. A autora faz uma analogia à máscara de Anastácia, para explicar as formas criadas pela colonialidade para não ouvir outras vozes, além das estabelecidas como brancas e cultas. Nesse sentido, a autora traz os questionamentos: quem pode falar? Quem não pode? Sobre o que podemos falar? Por que a boca do sujeito colonizado(a) tem que ser calada? Por que ela/ele tem de ser silenciados(as)? O que o sujeito colonizado(a) poderia dizer se a sua boca não estivesse tampada? E o que é que o sujeito colonizador teria que ouvir?

As formas operacionais de não ouvir as vozes são inumeráveis, conforme apresenta Kilomba (2019), e são bastantes corriqueiras. Quem nunca ouviu tais expressões no cotidiano como “eu não entendo”, “eu realmente não me lembro”, “eu não acredito”, “eu acho que você está exagerando”, “eu acho que você é demasiado sensível” quando se trata de assunto exposto por pessoas negras, indígenas ou LGBTQIA+¹ a respeito de sua humanidade ou subjetividade?

A autora explica que essas formas são evidenciadas em toda a estrutura social, sobretudo no espaço acadêmico, dito como lugar erudito, do conhecimento, porém “A academia não é um lugar neutro, tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e de sabedoria, da ciência e erudição, mas também é um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a.” (KILOMBA, 2019, grifo da autora).

Como a academia pode ser um lugar de violência? Kilomba (2019) nomeia os operadores: quando os conhecimentos são produzidos por pessoas brancas, este é universal, objetivo, neutro, racional, imparcial, pois são baseados em fatos. Quando o conhecimento é produzido por pessoas negras e demais grupos sociais marginalizados pelo centro hegemônico, é desqualificado como específico, subjetivo, pessoal, emocional, parcial, meras opiniões e experiências. Além disso, quando esses corpos são estudados eles são objetificados(as), classificados(as), teorizados(as), desumanizados(as), infantilizados(as), criminalizados(as), brutalizados(as), sexualizados(as), expostos(as), exibidos(as) e, por vezes, mortos(as). Mas o que tudo isso tem a ver com livros e bibliotecas?

3 A BUSCA PELA BIBLIOTECA AFROCENTRADA: DO CONCEITO À PRÁTICA

O conceito “afrocentricidade” é uma proposta teórica do professor Molefi Kete Asante (2009), o qual ele descreve como uma “proposta epistemológica do lugar. [...] é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural [...]” (ASANTE, 2009, p. 93).

Como referência teórica, vem sendo elaborado por vários lugares e corpos em diáspora (HALL, 2013). No entanto, é um conceito que vem de longe, “desde o século XIX por autores que

¹ Sigla para o movimento político e social representativo de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais e outros grupos e variações de gênero e sexualidade (+).

não lhes atribuíam esse nome. A obra de maior fôlego e consciência nessa linha é a do cientista e intelectual senegalês Cheikh Anta Diop” (NASCIMENTO, 2009, p. 29).

A experiência da pesquisadora Hooks (2019) na obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” provocou um despertar sobre as questões étnico-raciais dentro do espaço da biblioteca e do compromisso social que tem o bibliotecário em coletar, organizar e disseminar a informação para todas as pessoas. Mas o que tem de salutar no texto de Hooks que despertou tanta atenção?

Na obra mencionada, a autora relata sua experiência enquanto docente numa universidade norte-americana e do quanto é desconhecida por estudantes multiétnicos outras culturas que não a norte-eurocêntrica. Além disso, Hooks (2019) chama a atenção para a necessidade não só da teoria que compreenda o racismo, mas sobretudo da ação que combata o racismo.

Ao utilizar a metodologia elaborada por Hooks (2019) e Kilomba (2019) de levantar questionamentos sobre determinados conhecimentos e referências, o que teremos? Propomos que nos questionemos sobre as seguintes questões: quem escreveu “Metade cara, metade máscara”? Na Bahia, tem povos indígenas? Então, cite três etnias indígenas baianas. Quem já ouviu “Koangagua”, dos Brô MC’s? Quem escreveu “Peles negras, máscaras brancas?”. E “Na casa de meu pai”? Quem já leu Hampâté Bâ? E quem já ouviu falar em Diop? Você conseguiria citar três autoras negras baianas? O que teremos? Quantos de nós saberemos responder a tais questões?

No livro “O perigo de uma história única”, Ngozi Adichie (2019) sinaliza a toda a humanidade sobre o perigo de se ter uma história contada por uma única perspectiva, pois somos diversos povos e culturas no mundo. A história única é uma ideia, conforme mencionada na seção anterior, um discurso neoliberal que vem em curso desde o século XVI (ALMEIDA, 2020) e que tem devastado velozmente povos e culturas no mundo inteiro, jogando-os a um vazio cultural e identitário.

No entanto, paralelamente a isso, tem também criado muitas formas de resistência. Nesse sentido, Santos (2015) nos coloca a pensar no sistema a qual estamos inseridos. Aonde queremos chegar? A qual mundo desejamos pertencer: o da fábula, o da perversidade ou o da possibilidade?

O autor Silvio de Almeida (2020) na obra “Racismo estrutural” vai discorrer brevemente sobre como surge o racismo no mundo. “A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do Século XVI” (ALMEIDA, 2020, p. 24). O autor explica que:

Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico (ALMEIDA, 2020, p. 24).

Dessa forma, “Falar de como a ideia de raça ganha relevância social demanda a compreensão de como o homem foi construído pela filosofia moderna.” (ALMEIDA, 2020, p. 25). Essas ideias nascem no século XVI e foram formuladas por meio de conformações políticas e ideológicas.

Em “Pequeno manual antirracista”, a autora Djamila Ribeiro (2019) convoca a todos os brasileiros a se tornarem antirracistas, reconhecendo em primeiro lugar que somos racistas enquanto não tomarmos a consciência de que o racismo opera em nossas vidas de muitas maneiras.

Somos uma sociedade que foi colonizada e ainda reproduzimos a colonialidade. Sendo assim, um dos primeiros passos apontado pela autora é o reconhecimento de que o racismo existe no Brasil e, além de ferir corpos, mata! Nesse sentido, como argumenta Hooks (2019) e Ribeiro (2019), não basta ser antirracista, é necessário lutar contra o racismo, possibilitando, inclusive, que mais pessoas tenham acesso à informação que corroborem com a desconstrução do racismo e, sobretudo, que assegure a tomada de consciência individual e coletiva.

A luta contra o racismo é histórico e é fruto das ações do Movimento Negro Unificado (MNU) enquanto ato político. Busca “trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante.” (GOMES, 2017, p. 21). Assim, ressignificar a raça significa, indagar a própria história do Brasil e da população negra e indígena enquanto nação o que, por sua vez,

constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas (GOMES, 2017, p. 21).

Na área da Ciência da Informação (CI), embora esse movimento venha acontecendo no Brasil desde a década de 1980 com diversos trabalhos tecidos pela rede de orientandos sob coordenação da professora Miriam Aquino e Maria Aparecida Moura, é a partir do protagonismo de bibliotecárias e bibliotecários negros(as) nos anos de 2015 e um pouco mais adiante que poderá acontecer mais efetivamente publicações de trabalhos com evidência na temática e inúmeras ações insurgentes contra o racismo. Esse momento culmina com a publicação do selo Nyota² em 2018 e daí em diante de uma coletânea de livros, iniciado sob o título de “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política”, organizado por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima; assim como da criação do Grupo de Trabalho Relações Étnico-raciais e Decolonialidades na Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB); e da busca por um Grupo de Trabalho específico no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB).

Tomar conhecimento acerca da informação étnico-racial é tomar consciência sobre a função social que o bibliotecário tem enquanto agente e protagonista social. Assim, tem-se o conceito de informação étnico-racial que foi cunhado por Oliveira e Aquino (2012) e, segundo esses autores, ele se fundamenta em entender as relações étnico-raciais que se estabelecem nos conjuntos de possibilidades informacionais, considerando, inclusive, a necessidade da disseminação da informação e da democratização do acesso e uso da informação nessa vertente.

Esse conceito, portanto, não se trata de uma informação específica, mas das possibilidades de disseminação, acesso e uso da informação pelo e sobre os grupos étnicos, especificamente os sujeitos afrodescendentes. Nesse sentido, o conceito é usado na perspectiva de delimitar toda e qualquer informação acerca das questões etnicorraciais, independente do tempo, espaço e suporte.

² Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>.

Para Aquino e Santana (2013), a área da CI tem o potencial para oferecer as condições de acesso e uso para ajudar a reduzir as desigualdades na sociedade brasileira, visto que os diversos grupos sociais dependem de informação para o reconhecimento de seus territórios, pertencimento, identidades, histórias e culturas. Para as autoras,

Em meio a essas tensões, as instâncias informacionais (escolas, universidades, bibliotecas, museus, arquivos e centros de documentação, dentre outros) ainda não assumiram a responsabilidade de eliminar as distorções nas práticas de organização e representação da informação que, consciente ou inconscientemente, excluem os saberes produzidos por diferentes grupos (negros, indígenas, homossexuais, deficientes etc.) que compõe a nossa sociedade reconhecida hoje como multicultural (AQUINO; SANTANA, 2013, p. 19).

Na biblioteca, lembrar os intelectuais negros é uma dívida histórica, bem como lembrar “que os negros estão privados do acesso a informação que lhe interessa e impedidos de terem a oportunidade de competir em iguais condições com os brancos historicamente privilegiados, e formam a elite dominante de nosso país” (AQUINO; SANTANA, 2013, p. 21). Mudar essa realidade depende do trabalho conjunto, e também da articulação com diversos setores sociais, envolvendo processos educativos, políticas públicas e movimentos sociais. Para que haja mudança, é necessário que se perpassasse pelos âmbitos ético, político, pedagógico e cultural o entendimento sobre o racismo.

No entanto, a atuação do MNU instigou a criação de políticas de ações afirmativas. Estas, por sua vez, forçam mudanças no cenário dos espaços acadêmicos. Mas apesar de muitas iniciativas, ainda se caminha a passos lentos o debate e ações efetivas a favor da equidade social. Nesse sentido, conhecer a cultura afrocêntrica, indígena, LGBTQIA+ dentre outras, é importante para o profissional da informação, pois possibilita um descortinar, ou como se diz na perspectiva pós-colonial, decolonizar, tornar-se consciente de que as práticas de organização e representação da informação não estão isentas de atitudes que corroboram com o apagamento ou invisibilidade de autores negros dentro das bibliotecas.

Assim, os bibliotecários precisam renovar suas práticas de organização e representação da informação visando, sobretudo, à preservação de todas as memórias, e não apenas dos saberes eurocêntricos, mas também dos saberes afrocêntricos, “de modo a tornar mais visível a riqueza cultural da ancestralidade africana e afrodescendente, bem como dos demais grupos excluídos da sociedade brasileira” (AQUINO; SANTANA, 2013, p. 21).

A mudança desse olhar e práticas precisa acontecer, pois, de uma forma ou de outra, a sociedade tem pressionado por mudanças estruturais. Ainda, os novos usuários que adentram às universidades públicas federais têm buscado por informação de diversos tipos e modalidades com a finalidade de investigar temas específicos para a construção de uma outra história que possibilite a positivação de grupos historicamente marginalizados e oprimidos.

As práticas bibliotecárias ocultam uma parte da história que traz um fato importante para a reconstrução da história de nosso país. Certamente, elas desconhecem que os afrodescendentes continuam honrando seus ancestrais africanos com a ativação de uma memória que luta contra o esquecimento através da “resistência social” (AQUINO; SANTANA, 2013, p. 23).

Assim como já apontava Nascimento (2006, p. 94):

A todo o momento o preconceito racial é demonstrado diante de nós, é sentido. Porém, como se reveste de uma certa tolerância, nem sempre é possível percebermos até onde a intenção de nos humilhar existiu. De certa forma, algumas destas manifestações já foram incorporadas como parte nossa. Quando, entretanto, a agressão aflora, manifesta-se uma violência mesmo nestas ocasiões “pensamos duas vezes”! antes de reagir, pois, como expus acima, no nosso “ego histórico” as mistificações agiram a contento.

Em concordância com a fala de Beatriz Nascimento (2006) que comunga com as reflexões de Silva, Garcez e Lima (2018), entendemos que a memória nacional tem corroborado para invisibilizar as populações de origem africana e afro-brasileira, bem como seus aspectos históricos, sociais, econômicos, educacionais, religiosos e de luta. As práticas são constituídas desde o discurso oficial sobre os acontecimentos aos discursos produzidos e disseminados constantemente por meio de diversos tipos de documentos (livros, mapas, fotografias, vídeos etc.), regimes de informação (arquivos, bibliotecas, museus etc.) e mídias.

Isso nos leva a refletir sobre os discursos de memória mantidos, por exemplo, em livros didáticos, novelas e meios de comunicação em massa que reforçam o papel subalterno atribuído aos afros e fazem parte de uma Política de memória do Estado. Nos livros didáticos, os afros ainda continuam sendo mostrados somente até o período escravista, principalmente com imagens de castigos sofridos pelos africanos escravizados no pelourinho em praça pública ou servindo aos senhores na casa grande (SILVA; GARCEZ; LIMA, 2018, p. 366).

As autoras ainda refletem que os regimes de informação que são produzidos, organizados, disseminados e preservados por diversas instituições, dentre elas bibliotecas, interferem na memória, podendo também ser um fator limitante fruto de uma política de memória de apagamento e invisibilização da memória do povo negro.

O acesso às informações e registros informacionais sobre as populações africanas e afrodescendentes (certidões de batismo, cartas de alforrias, registros de passageiros de navios negreiros, entre outros) podem permitir que sejam reconstruídos aspectos da história e memória dessas populações. No entanto, se estes materiais estão perdidos ou guardados em lugares que não permitem o acesso, este regime de informação está determinando como a história será contada e mantendo o discurso de memória criado pelo grupo dominante (SILVA; GARCEZ; LIMA, 2018, p. 366).

Porém, conforme apontam as autoras, apesar de alguns avanços na área e na sociedade brasileira como um todo, “ainda é preciso discutirmos e aprofundarmos sobre a influência da política de memória dentro de nossa sociedade, além de refletirmos sobre a sua contribuição na invisibilidade da população negra” (SILVA; GARCEZ; LIMA, 2018, p. 377).

Num quadro em que se tem a memória registrada e a não registrada; a registrada e não preservada (porque não coletada) e a registrada e não representada (silenciada ou apagada em função de problemas políticos ou

técnicos), os desafios que se apresentam para os profissionais de informação ligados ao trabalho com esta memória são complexos, o que precisa ser considerado pelos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação (FREITAS; GOMES, 2004, p. 9).

Nesse sentido, entendemos que a biblioteca universitária é também um espaço de produção de discursos, sabido que:

À medida que as bibliotecas atendem diversos interesses e grupos sociais, elas se tornam aparelhos de aprendizagem, culturais e de informação. Ao abordar a diversidade cultural e linguística, os serviços da biblioteca são impulsionados pelo compromisso com os princípios das liberdades fundamentais e da equidade de acesso à informação e ao conhecimento para todos/as, no respeito da identidade e dos valores culturais. (SILVA; LIMA, 2019, p. 337).

Seguiremos para a próxima seção onde se traz a metodologia, os procedimentos metodológicos e as técnicas adotadas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotou-se como metodologia para este trabalho a pesquisa-ação, bibliográfica e documental, conforme entendimento de Gil (2017).

A **pesquisa-ação** aconteceu por meio de alguns eventos que envolveram os bibliotecários da BIB/FAUFBA entre 2018 e 2021 nos quais relataremos adiante. No ano de 2018, uma das bibliotecárias da equipe foi convidada pelo Grupo de Pesquisa Etnicidades, coordenado pelo docente e pesquisador Fábio Velame, para participar de algumas das reuniões do Grupo. No primeiro encontro, ao ter acesso à obra literária “Atlântico negro” do autor Paul Gilroy, bem como às apresentações dos trabalhos de pesquisa dos discentes do Grupo, percebeu-se o quanto se faz necessário as bibliotecas universitárias estarem envolvidas com as atividades de ensino, pesquisa e extensão no ambiente acadêmico.

A busca desta mesma bibliotecária por disciplinas no curso de pós-graduação em Ciência da Informação também possibilitou o acesso a referências de autoria étnica para o desenvolvimento da pesquisa em andamento intitulado “A casa de farinha: informação e memória no Povoado Terreirão, na cidade de Muniz Ferreira, no Recôncavo da Bahia”, a qual a levou a descobrir esse grande legado produzido por escritores negros e indígenas.

Ainda, no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA (Pós-Afro/UFBA), cursou-se a disciplina “Relações raciais e étnicas: perspectiva e comparação internacional”. Neste componente curricular, pode-se ter acesso à obra do escritor Licko Turle “Teatro do oprimido e negritude: a utilização do teatro-fórum na questão racial”, o que abriu margem para o descobrimento de outras referências relacionadas à temática.

Após esse momento, no ano de 2020, em meio a pandemia de COVID-10, a mesma bibliotecária viu como oportunidade participar de dois componentes letivos do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA (PPG-AU/UFBA), a saber “Curso de

extensão urbanismo africano: 6000 anos dos povos africanos construindo cidades”, organizado pelo Grupo Etnicidades em parceria com o referido Programa, além do curso “Habitar o fim do mundo e imaginar o infinito”, coordenado pela professora e pesquisadora Gabriela Leandro, promovido pelo Grupo de Estudos Corpo, Discurso e Território.

Essas duas experiências renderam um vasto conhecimento sobre a produção intelectual de pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+ e também serviram como importantes gatilhos para o questionamento sobre onde estão essas referências dentro do acervo da BIB/FAUFBA.

Paralelamente a esse momento de busca por referências, aconteceram muitas conversas com estudantes, docentes e técnico-administrativos, informalmente ou registradas em atas, originando outros questionamentos e reflexões sobre livros e o acervo da Biblioteca. Assim, mesmo sem muito saber, sentindo-nos ainda com algumas inseguranças, iniciamos as primeiras atividades afrocentradas na Biblioteca no ano de 2018, tendo como referência a cultura negra no Brasil.

O levantamento bibliográfico concernente à **pesquisa bibliográfica** do trabalho aconteceu após o acesso a diversas referências possibilitadas pelos referenciais das atividades citadas. Assim, seguinte à seleção e leitura de produções de autoras e autores negros, optou-se por recortar as obras mais didáticas que possibilitassem o entendimento dos conceitos para a elaboração do projeto e sua aplicação nas atividades afrocentradas propostas. Desse referencial, vale destacar produções como “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” da Bell Hooks, “Racismo estrutural” do Silvio de Almeida, “O perigo de uma história única” da Ngozi Adichie, “Manual antirracista” da Djamilia Ribeiro e “Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar” de Molefi Keti Asante.

A **pesquisa documental** foi a fase final para apresentação deste trabalho. Recorremos aos nossos registros escritos (projetos, atas de reuniões) e fotográficos sobre as atividades desenvolvidas. Também consultamos o acervo fotográfico do Quilombo Candeal II, referente ao registro das atividades acontecidas dentro da comunidade, durante e após colaboração de uma das bibliotecárias da equipe com o projeto de extensão “Vivências da BIB/FAUFBA no Quilombo Candeal II”, realizado em Feira de Santana, Bahia.

5 RESISTÊNCIA: AS ATIVIDADES AFROCENTRADAS DA BIB/FAUFBA

Nesta seção relatamos algumas das atividades realizadas de 2018 até o momento na BIB/FAUFBA. Entendemos que o espaço da Biblioteca é, sobretudo, um lugar de tomada de consciência e, portanto, de resistência.

5.1 I Exposição da Semana da Consciência Negra

A primeira iniciativa deu-se com a I Exposição da Semana da Consciência Negra, ocorrida durante todo o mês de novembro de 2018. Nesta exposição, depois de uma breve pesquisa, organizou-se nomes, textos, imagens de personalidades negras e também de pessoas anônimas ainda ao público em geral.

Figura 1 - Exposição dos autores e personalidades negras na BIB/FAUFBA.



Fonte: Autoria própria.

Lembrou-se dos nomes de mulheres e homens negros que foram escravizados no Brasil, mas que sobretudo eram verdadeiros guerreiros, como Dandara dos Palmares, Anastácia, Luísa Mahin, Tereza de Benguela, Zeferina, Maria Felipa de Oliveira, Adelina Charuteira, Mariana Crioula, Maria Firmina dos Reis, Eva Maria do Bonsucesso e Maria Aranha. Nomes da história contemporânea também foram lembrados, como o do ator, escritor e diretor baiano Lázaro Ramos; da professora e escritora Conceição Evaristo; da escritora baiana Rita Santana, da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977); e da docente em teatro na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Evani Tavares Lima.

5.2 “Calourada” 2019

A semana da Calourada 2019 aconteceu de 18 a 22 de fevereiro de 2019. As atividades aconteceram no Salão de Leitura com uma programação especial das 8h às 20h, garantindo, assim, a participação das turmas discentes diurna e noturna da Faculdade. Esse trabalho foi uma parceria entre a BIB/FAUFBA, a Direção da FAUFBA e o Diretório dos Estudantes de Arquitetura (DEA) da Faculdade. O evento ocorreu sob o tema “Arquitetura como campo ampliado”. A proposta do projeto “Biblioteca na ‘Calourada’ da FAUFBA”, foi uma atividade de extensão, que teve por finalidade acolher os estudantes ingressos no ano de 2019 e também possibilitar o acesso ao conhecimento produzido sob diversas perspectivas.

O projeto da Biblioteca procurou difundir os saberes da Academia e as vivências dos grupos étnicos. Dessa forma, foram convidados acadêmicos envolvidos em pesquisas referentes a temáticas étnicas de um lado e pessoas que vivenciam as experiências práticas desses fenômenos investigados do outro. Dentre as atividades executadas, organizou-se três rodas de conversa sob as temáticas “Terreiros de candomblé e arquitetura” (A), “Bairros e mobilidade urbana em Salvador” (D) e “Casas sustentáveis” (E). Além disso, houve também a participação do artista de rua Gabriel Menezes (C) com sua arte *freestyle* (rima improvisada). (Figura 2).

Figura 2 - Composição com momentos marcantes do evento e o *flyer* (F) de divulgação de parte da programação.



Fonte: Autoria própria.

Outras atividades foram propostas e organizadas como meio de entretenimento, tais como: meditação; *Just Dance* e *Karaokê* (B) (Figura 2); Café Literário; Cinema; Sorteios de brindes; *Happy Hour*: voz e violão; Intervenção musical com poética e *freestyle*. Através de nossas redes pessoais de amizade, fomos convidando pessoas que apoiassem o projeto.

Como dito, trouxe-se como proposta o Café Literário. A atividade foi um momento entre o público com autores de Trabalhos Finais de Graduação (TFG). Utilizou-se como critério de seleção os trabalhos mais diversos no sentido de assunto abordado e formato de apresentação. Os TFG na FAUFBA são elaborados de maneira muito criativa a despeito da diagramação, o que suscita atenção de quem lida ou consulta esses materiais. As obras foram recuperadas do acervo da Biblioteca e os respectivos autores foram convidados para participar de uma noite regada com muito café e conversas sobre os trabalhos.

O Cinema foi realizado a partir da exibição de obras relacionadas à Arquitetura e ao Urbanismo que fazem parte da coleção audiovisual da Biblioteca. Já o *Happy Hour* com voz e violão contou com a interpretação acústica de músicas nacionais e internacionais. Ambas as atividades tiveram a participação direta do estagiário de Biblioteconomia Yuri Pinheiro, que ficou responsável por desenvolver o momento musical do evento.

5.3 Redes sociais

As redes sociais foram criadas em 2020 pela necessidade de comunicação entre a Biblioteca e a comunidade. Esse momento inicial das atividades nas redes sociais culminou com a pandemia da COVID-19. A *fan page* no *Facebook*³ e o perfil no *Instagram*⁴ da BIB/FAUFBA têm a função de divulgar

³ Disponível em: <https://facebook.com/bibfaufba>.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/bibfaufba>.

conteúdos relevantes acerca das referências encontradas nos acervos da BIB/FAUFBA, do Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia (CEAB) e do Repositório Institucional da UFBA (RI/UFBA), bem como de outros acervos e fontes de informação, com a intenção de disseminar as produções cultural e acadêmica nacionais e locais pautadas nos assuntos da Arquitetura e do Urbanismo, mas focadas sobretudo em referências étnico-raciais (Figura 3).

Figura 3 - Perfil da Biblioteca no Instagram.



Fonte: Instagram (2021).

Destaca-se que a Biblioteca procura possibilitar aos seus seguidores virtuais, referenciais e fontes de informações que corroborem com a visibilidade destas sobre as questões relacionadas às informações étnico-raciais. Compreende-se, ainda, sobre a necessidade de os profissionais atentarem-se às questões contemporâneas e sobretudo tomar consciência sobre as memórias produzidas no Brasil, as quais perpassam especialmente por disputas de narrativas. Em vista disso, as redes sociais da BIB/FAUFBA têm se proposto a produzir conteúdo focados em fontes e referências acerca das diversidades culturais, conforme pôde ser visto em conteúdo das séries de publicações “Favelas, é nós!” e “Bibliotecas e Cidades Africanas”.

Figura 4 - Composição contendo os cards de conteúdos produzidos pela BIB/FAUFBA com enfoque especial em questões étnico-raciais.



Fonte: Autoria própria.

Além disso as **Janela da Leitura** e o **Se liga na fita** e o **Rolê na Rede** trazem conteúdos que indicam obras de literatura e cinema nacionais e locais, com foco também em referências étnicas.

5.4 Projeto 60 anos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFBA

O Projeto 60 anos da BIB/FAUFBA foi uma atividade de extensão que correspondeu aos objetivos estratégicos da Biblioteca de ressignificar seu espaço e de se integrar com a Universidade e a sua comunidade acadêmica. Em comemoração aos 61 anos da FAUFBA e aos 60 da Biblioteca, organizou-se de forma virtual as atividades para comemoração dessa passagem histórica. O tema escolhido para os trabalhos foi “Direito e acesso a memórias”.

Figura 5 - Composição com os *flyers* de divulgação das *lives*.



Fonte: Autoria própria.

Promoveu-se uma semana com muitas atividades *online*, contando com *lives*, poesia, música, fotografia e artesanato de todos os cantos da Bahia. Foram realizadas três *lives* no canal da Biblioteca no *YouTube*⁵ com as temáticas “Direitos e acesso a memórias: perspectivas indígenas”, “Direitos e acesso a memórias: perspectivas negras” e “Direitos e acesso a memórias: perspectivas LGBTQIA+” (Figura 5).

5.5 Live Novembro Negro

Em novembro de 2020, tentando repetir a proposta da exposição de 2018, mas agora em ambiente virtual, a Biblioteca promoveu, em lembrança da importância sobre o Novembro Negro, uma *live* especial no canal da BIB/FAUFA no *YouTube* com o tema “Diversidade na rede: referências bibliográficas”.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/bibliotecafaufba>.

Figura 6 - Flyer de divulgação do evento “Diversidade na rede”.



Fonte: Autoria própria.

Contou-se com a participação de Daiane Fonseca, Fábio Velame e Vilma Patrícia e com a apresentação de Eva Dayane Santos, ambos membros do Dabòbò, Grupo de Trabalho na FAUFBA que tem por objetivo discutir na faculdade as iniciativas ligadas à promoção da diversidade e políticas antirracistas.

5.6 “Vivências da BIB/FAUFBA” no projeto Cultivando Sonhos do Quilombo Candeal II

Em dezembro de 2020, a colega técnica-administrativa da FAUFBA, Daiane Fonseca, também descendente e idealizadora dos projetos Empodera Quilombo e Cultivando Sonhos⁶, no Quilombo Candeal II, no município de Feira de Santana, Bahia, entrou em contato com a bibliotecária da equipe Eva Dayane Santos com o objetivo de prestar uma consultoria a respeito de como construir uma biblioteca. Na época a comunidade estava escrevendo um projeto para angariar fundos e assim dar continuidade ao sonho de promover ao público práticas de leitura, acervos e biblioteca. No meio da conversa, motivada pelo desejo de colaborar com as atividades, foi proposta uma parceria institucional entre as servidoras.

Dessa parceria, a Biblioteca desenvolveu e executou o projeto de extensão “Vivências da BIB/FAUFBA no Quilombo Candeal II”. Assim, no primeiro momento, foi feita a seleção de obras literárias infantis (J) que apresentassem uma representação positivada do sujeito negro. A lista foi organizada com 50 títulos, dentre os quais foi sugerido também obras de autorias indígenas. A segunda etapa foi a execução das oficinas temáticas acerca da história das bibliotecas e dos livros e, bem como sobre preservação de acervos bibliográficos (G), realizadas por meio de uma *live* no mês de fevereiro de 2021 (I). A terceira etapa ainda está por acontecer, que é a

⁶ Disponível em: <https://empoderaquilombo.com.br>.

organização do acervo assim que o espaço físico da biblioteca for construído (**Figura 7**).

No momento, a comunidade vem negociando uma área para a construção do espaço físico da biblioteca com um morador da comunidade, porém ainda há de se conquistar o recurso financeiro para sua construção. No entanto, as atividades da biblioteca já acontecem como biblioteca itinerante e seu acervo encontra-se acomodado na Associação de Moradores do Candeal II. A biblioteca itinerante é uma atividade do projeto Cultivando sonhos (contemplado pela Lei Aldir Blanc) que tem funcionado mediante à distribuição de sacolas com livros selecionados para as crianças da comunidade, bem como atividades de incentivo à leitura.

As madrinhas, que são as mediadoras entre o acervo, as atividades, as famílias e as crianças, têm a responsabilidade da seleção das obras, do acompanhamento das atividades, dos registros das atividades e da entrega das sacolas nas casas das crianças interessadas.

Um segundo momento dessa atividade é a roda de leituras (**H**), a qual acontece com a mediação da pedagoga e mestre *griô* Priscila Martins, sendo realizada de maneira híbrida (virtual e presencial) durante o ano de 2021 em virtude da pandemia da Covid-19 (**Figura 7**).

Figura 7 - Composição apresentando os fatos marcantes do projeto “Vivências da BIB/FAUFBA”.



Fonte: Autoria própria.

As atividades na comunidade resultaram no convite para apresentação do trabalho “Representatividade negra positivada na leitura literária” (**L**), realizado no Festival Literário de Feira de Santana (FLIFS) de 2021 (**Figura 7**).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou relatar um pouco dos caminhos construídos nos últimos três anos na BIB/FAUFBA no esforço de apropriar teorias e aplicá-las nas ações. Apesar de todo o envolvimento da equipe e da busca constante por apoiadores dentro e fora da Universidade, ainda assim a Biblioteca enfrenta inúmeras dificuldades no tocante ao desenvolvimento de seus

projetos afrocêntricos, como, por exemplo, poucas pessoas na equipe, necessidade de mais apoio dos diferentes órgãos da Instituição e a necessidade de fortalecimento das redes de parceiros.

Na busca e no movimento de dentro para fora, a equipe da Biblioteca vem procurando conhecer os docentes, os componentes curriculares, os discentes e também os técnicos e colaboradores da comunidade acadêmica que atende para, assim, com muito diálogo e reflexão, tentar desconstruir as bases da colonialidade nas quais todos nós estamos inseridos.

O objetivo, claro, é construir as bases que se almejam para o presente e para o futuro, intencionando colaborar para uma sociedade mais justa, humanitária e sem racismo. Nesse sentido, entende-se que a biblioteca universitária é um espaço com uma importante missão social e cultural, devendo ampliar sua participação e atuação nesse aspecto.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

AQUINO, Mirian Albuquerque; SANTANA, Vanessa Alves Santana. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negros. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 17-36, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v6.n2.2013.1780>. Acesso em: 9 dez. 2021.

ASANTE, Molefi Ketii. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 9 dez. 2021.

FREITAS, Lídia Silva de; GOMES, Sandra Lúcia Rebel. Quem decide o que é memorável?: a memória de setores populares e os profissionais de informação. In: FORO SOCIAL DE INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y BIBLIOTECAS, 1., 2004, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: [s.l.], 2004. p. 1-11.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. *In*: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2021. p. 93-98.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 27-31.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, v. 8, n. 2, p. 466-492, set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v8i2.453>. Acesso em: 10 dez. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, Andréia Sousa da; LIMA, Graziela dos Santos. Construindo a visibilidade da cultura negra: ações socioeducativas para combater o racismo nos espaços informacionais. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 333-344, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1614>. Acesso em: 9 dez. 2021.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; LIMA, Graziela dos Santos. Política de memória e o silenciamento das populações africanas e afro-brasileiras na Ciência da Informação. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 359-382.

Recebido/ Received: 13/09/2021
Aceito/ Accepted: 10/12/2021
Publicado/ Published: 31/12/2021